



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

ALBERTO CAEIRO E A NEGAÇÃO DO PENSAR

Por: **Jacqueline da Silva Costa**

CAMPINA GRANDE - PB

2016

JACQUELINE DA SILVA COSTA

ALBERTO CAEIRO E A NEGAÇÃO DO PENSAR

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa

CAMPINA GRANDE - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837a Costa, Jacqueline da Silva
Alberto Caeiro e a negação do pensar [manuscrito] /
Jacqueline da Silva Costa. - 2016.
15 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de
Letras e Artes".

1. Alberto Caeiro. 2. Fernando Pessoa. 3. Sensacionismo. 4.
Poesia. I. Título.

21. ed. CDD P869.1

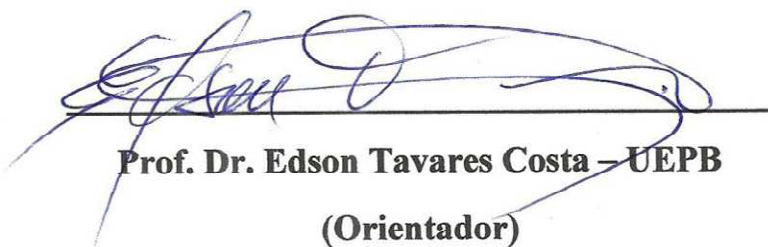
JACQUELINE DA SILVA COSTA


Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa

ALBERTO CAEIRO E A NEGAÇÃO DO PENSAR

Aprovada em: 12 de maio de 2016.

BANCA EXAMINADORA


7,0
Prof. Dr. Edson Tavares Costa – UEPB
(Orientador)


7,0
Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva – UEPB
(Avaliador)


7,0
Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão – UEPB
(Avaliador)

Nota: 7,0

ALBERTO CAEIRO E A NEGAÇÃO DO PENSAR

Jacqueline da Silva Costa
Prof. Dr. Edson Tavares Costa (Orientador)

RESUMO

Alberto Caeiro, considerado o mais importante dos heterônimos de Fernando Pessoa, tem sua obra marcada por questionamentos perturbadores a respeito da vida, da morte e sobre ele mesmo. O poeta “antimetafísico” retrata em uma obra simples, mas não simplória, *O Guardador de Rebanhos*, que pensar não é algo imprescindível, muito pelo contrário; sua insistência em negar o pensamento revela muito mais do que suas sensações, pois ele nega os conceitos filosóficos preestabelecidos e recria o mundo através das suas sensações; o sentir expresso pelos sentidos – sobretudo o olhar – em vez de pelos sentimentos, faz o poeta da Natureza mergulhar em novas perspectivas, enxergando sempre novas possibilidades, desfrutando a vida de forma plena, sem pragmatismo, porque, para Caeiro, o essencial não é invisível aos olhos. Para escrever este trabalho, foi utilizado o apoio teórico de Moisés (2008), Tavares (2003) e Cavalcanti Filho (2011).

Palavras-chave: Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. Sensacionismo. Olhar.

Introdução

Alberto Caeiro foi um poeta simples, nascido em Lisboa, porém criado no campo. Ao contrário dos outros heterônimos de Fernando Pessoa, Caeiro não teve praticamente qualquer instrução além da primária.

Em *O Guardador de Rebanhos*, vemos a visão absoluta de um poeta de origem humilde, que desfrutava de sua vida no campo; o leitor desavisado pode ter uma primeira impressão de certo espanto, por talvez considerá-lo insano e seus poemas ilógicos, mas devemos aprender a compreender as astúcias do olhar caeiriano diante do mundo e sua forte negação do pensamento.

As dores e angústias que afligiam Fernando Pessoa não afetavam seu “Mestre”, alguém com a alma tão intensa e livre de pré-conceitos que não sofria com questionamentos existenciais, uma vez que era desprovido da consciência moldada pela racionalidade; para ele, o tempo não existia dividido em passado, presente ou futuro, mas no instante, harmonizado com o mundo e com Natureza. Era o poeta das sensações e, provavelmente, Caeiro tenha sido Mestre por isso, o único dos heterônimos totalmente exterior de sentidos, de olhares, livre de opiniões filosóficas, que apenas externou o que via e isso lhe bastava.

Segundo MOISÉS (1998, p. 39) “Alberto Caeiro é um decidido impulso no sentido de aderir ao ‘natural’ em estado ingênuo sem o concurso do intelecto (...)”; Sendo assim, o poeta bucólico, de alma singular e pastor da alma, convida a ver com os mesmos olhos que ele enxergou a vida, estabelecendo amplas possibilidades, eternas novidades; tudo o que Caeiro escreveu foi, antes, sentido por ele, são seus instintos, um a um, descritos de forma genuína, sem máscaras, que criou um novo mundo, sob todas as percepções do olhar de seu autor e negou o pensamento da forma mais singela, negando as interpretações metafísicas.

Fernando Pessoa, o Criador

Fernando António Nogueira Pessoa, considerado um dos maiores poetas portugueses, nasceu em Lisboa, em 13 de junho de 1888; viu-se órfão de pai, Joaquim de Seabra Pessoa, aos cinco anos. Passados dois anos, por ocasião do segundo casamento de sua mãe, Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa, com um cônsul português, João Miguel Rosa, mudou-se para a África do Sul, onde viveu boa parte da juventude; estudou no Liceu de Durban, tornando-se um dos melhores alunos da sala. Começou a escrever poemas em inglês.

Seu primeiro heterônimo foi criado aos seis anos de idade, e se chamava Chevalier de Pas, através do qual escrevia cartas a si próprio (PESSOA, 1998, p. 95). Após esse, foram mais de trinta, dos quais os mais conhecidos foram Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro.

Por causa da educação inglesa que recebera em Durban, teve um contato profundo com obras que iam de William Shakespeare (uma de suas grandes referências) a Lord Byron, contato esse que o fazia traduzir para o português diversas obras dos clássicos ingleses.

Após o término dos estudos na África do Sul, regressou a Lisboa, em 1905; no ano seguinte, matriculou-se no curso superior de Letras, entretanto, não o concluiu. Nos anos seguintes, fez trabalhos como tradutor, crítico literário e ensaísta. Em 1915, participou da criação da Revista Orpheu, publicando como ortônimo e heterônimos, principalmente Álvaro de Campos. Posteriormente, em 1924, criou a revista Athena,

lançando trabalhos autorais e de outros heterônimos, como Ricardo Reis e Alberto Caeiro.

Em 1935, foi diagnosticado com problemas de origem hepática, devido a sua vida pouco regrada e um longo histórico com bebidas alcoólicas, vindo a falecer em 30 de novembro do mesmo ano. *Mensagem*, uma coletânea de poemas, foi a única obra, em língua portuguesa, publicada em vida de Pessoa, um ano antes de sua morte.

De acordo com CAVALCANTI FILHO (2011, p. 115-116)

(...) é possível traçar seu perfil como o de um homem discreto, contido, que não gosta de espelhos nem de tirar retratos. Alguém que ouve mal, fala baixo, dorme pouco e fuma muito, apesar do corpo frágil que lembra o pai tuberculoso (...)

Embora tenha tido uma curta vida, sua produção e grandeza literária ultrapassam o curso de sua história e da própria literatura portuguesa e mundial. Pessoa foi tão grande que não coube em apenas um; seus heterônimos são sua essência, e, de concepção tão singular, ainda são estudados em todo o mundo. Segundo MOISÉS (2008, p. 330) “Fernando Pessoa é dos casos mais complexos e estranhos, senão único dentro da Literatura Portuguesa, tão fortemente perturbador que só o futuro virá a compreendê-lo e julgá-lo como merece.”

Não foi casado, não deixou filhos, contudo, como vimos, criou inúmeros heterônimos, os quais demonstram a multiplicidade de seu ser, seu caos interior. Deu voz a personalidades distintas, que falaram por ele, sobretudo seu “mestre”, Alberto Caeiro, alguém que se converteu naquele que Pessoa talvez ainda não havia sido, como o próprio poeta revela: “aparecera em mim o meu mestre.” (PESSOA, 1998, p. 96)

Caeiro, o “guardador de rebanhos”

Alberto Caeiro da Silva teria nascido em Lisboa, em 16 de abril de 1889 e morrido na mesma cidade, em data não revelada do ano 1915, mas não foi na capital lusitana que ele despertou para a poesia; órfão de mãe e pai, viveu com uma tia-avó em uma quinta do Ribatejo, província tradicional portuguesa; isso teria influenciado a sua poesia essencialmente bucólica.

“Eu nunca guardei rebanhos / Mas é como se os guardasse” (PESSOA, 2005, p. 16) e é assim, de forma não literal, que Caeiro demonstra a busca pela vida simples de um pastor e isso simplifica seu modo de se expressar, de vivenciar as situações que leva no campo, sendo, teoricamente, o poeta da *verdade*, posto que é a única realidade que reconhece.

Sobre a criação de Alberto Caeiro, Pessoa (1998, p. 96) descreve em carta, datada de 13 de janeiro de 1935, ao amigo Adolfo Casais Monteiro:

(...) foi em 8 de Março de 1914 - acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título *Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome Alberto Caeiro.

O Guardador de Rebanhos praticamente relata o modo como Caeiro via a vida. Os poemas, ao todo a obra possui 49, são sua própria história, e foi particularmente nessa obra – ele também escreveria *O Pastor Amoroso* e *Poemas Inconjuntos* – que Caeiro pôde dizer ao mundo que “O essencial é saber ver” (PESSOA, 2001, p. 2017), ver como correlato de sentir, o sentir como forma de compreensão e integração com o mundo.

Afirma MOISÉS (1998, p. 24): “Fernando Pessoa metamorfoseia-se em outros, proteifica o seu ‘eu’, e gera os heterônimos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares entre outros”, e cada um carrega consigo muito de seu criador, mas Caeiro foi muito mais; o poeta “fingidor” (PESSOA, 2001, p. 164), que tantas vidas criou, fê-lo para poder dizer, verdadeiramente, ainda que pela ótica de outrem, tudo aquilo que sentia na alma.

A simplicidade com que Fernando Pessoa delineou Alberto Caeiro fica evidente na obra *O Guardador de Rebanhos*. As reflexões descomplicadas sobre a vida e a pungente negação do pensar trazem a nítida sensação de que, e provavelmente essa é a máxima da intenção caeiriana, a experiência de abrir os olhos para enxergar além das aparências, do que já está posto e que assim como a Natureza, deve ser apreciada em sua completude.

Caeiro: o “antimetafísico”

Metafísica¹ é uma palavra de origem grega, que significa “o que está para além da física”. É uma doutrina que busca o conhecimento da essência das coisas².

Pensar, segundo o dicionário Aurélio, é o “Processo pelo qual a consciência apreende em um conteúdo determinado objeto; refletir; formar, combinar ideias. / Meditar, raciocinar. / Supor, cuidar, imaginar. / Cogitar, planejar”.

Então, considerar Alberto Caeiro um “antimetafísico” incide sobre o fato de que ele não se importa com questões filosóficas; todavia não é que ele negue impetuosamente o fato de pensar, até porque isso seria impossível de se imaginar; o que Caeiro quer nos dizer todo o tempo é: Não pense, sinta! Que deixemos nos levar pelas sensações, pelos sentidos, pelo olhar, sobretudo; não o mero olhar, que apenas ver, mas o que nos revela o mundo ao qual, de tão óbvio e ordinário, já nos acostumamos, e, por isso, não o vemos de outras formas, sob novos pontos de vista, mas o olhar como uma reflexão que não vem da racionalidade, mas das sensações.

Assim sendo, é “antimetafísico” assumido; ao menos é isso que ele reitera pelos seus versos, quando assume uma posição de negação diante da filosofia, que preconiza uma atitude reflexiva ante as questões existenciais, de quem somos. A metafísica é deixada de lado para dar vez à contemplação da Natureza, pelo olhar aguçado do eu lírico, que não ver, simplesmente, mas enxerga as minúcias.

Caeiro desconstrói qualquer traço filosófico que possa existir em sua obra, sua poesia é essencialmente vinculada à Natureza, colocando-se como parte integrante dela. Seus poemas traduzem o que em sua alma acontece, exteriorizando o seu não pensamento, apenas suas sensações. Não se importa em utilizar o pensamento para refletir sobre a vida, como faria um filósofo, por exemplo, que reflete na ânsia de modificar o que, para Caeiro, é um modo de nos anularmos como sujeitos diante do mundo, para agirmos como os outros querem que o façamos.

Não sente medo da vida, tampouco da morte, porque ele não atinge a compreensão de si e de quem é, uma vez que sua dimensão está substancialmente

¹ Abstemo-nos de examinar a fundo essa questão por fugir ao tema do trabalho

² Disponível em: <<http://www.significados.com.br/metafisica/>>. Acesso em 10 de julho de 2014

vinculada à natureza, ao Universo, portanto, convive com a morte como se ela fosse amiga íntima e a ela eternizou no derradeiro dia de vida:

É talvez o último dia da minha vida.
Saudei o sol, levantando a mão direita,
Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus.
Fiz sinal de gostar de o ver ainda, mais nada. (PESSOA, 2011, p. 146)

Assim, vemos que nem mesmo a morte lhe parecia algo ruim, ao contrário, suas palavras são serenas e objetivas; é, mais uma vez, a natureza forte de seu Sensacionismo³ aguçado, como bem cantou seu criador quando disse que “tudo vale a pena / se a alma não é pequena”. (*op. cit.*, p. 82)

O “Mestre” sob análise

Para adentrarmos um pouco à obra de Caeiro, faremos, a seguir, sucinta análise dos Cantos II, V e IX, de *O Guardador de Rebanhos*, a partir dos quais podemos ter uma breve, porém ampla, dimensão da obra caeiriana, para demonstrar a serenidade, sutileza e simplicidade com que ela se desenvolve.

Canto II

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...

O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...

³ Os princípios do Sensacionismo seriam: “1) Todo o objeto é uma sensação nossa. 2) Toda a arte é a conversão duma sensação em objeto. 3) Portanto, toda a arte é a conversão de uma sensação numa outra sensação.” (PESSOA, 1998, p. 426)

Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,
 Porque quem ama nunca sabe o que ama
 Nem sabe por que ama, nem o que é amar...
 Amar é a eterna inocência,
 E a única inocência é não pensar... (PESSOA, 2001, 204-205)

Palavras suaves, densos significados. Para Caeiro, viver sem complicações e aceitar o fato puro e simples da vida já é o bastante. Ele nos revela suas sensações de viver sem pensar, pois, a angústia não lhe afeta. O uso de uma linguagem simples é muito natural, já que “não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária;” (PESSOA, 1998, p. 97) por isso, o olhar que Caeiro tem diante da vida, “nítido como um girassol”, que vê a vida e a observa com clareza, os lugares comuns pelos quais ele passa cotidianamente, e que mantêm o ineditismo do primeiro encontro. Seu olhar é marcado por significados, é “a eterna novidade do mundo”, assim como quem nasce e não abrange a percepção do que está vendo, uma vez que não pensa sobre isso. Seu olhar reconhece os novos dias em cada dia, da natureza que se reinventa.

Caeiro reitera sua noção do olhar em detrimento do pensar, da aceitação do mundo, sem questionamentos, e a concepção negativa que lança sobre a ideia de pensar, quando adverte que “Pensar é não compreender”: em outras palavras, o pensar demais nos cega, posto que, às vezes, perdemos a noção da realidade por pensarmos muito diante da vida. Segundo Tavares (2003), a importância dos olhos é sagrada, não é preciso que deuses olhem por nós porque a própria natureza se encarrega de nos unir a ela, como se fôssemos um só, em estado de contemplação.

Por fim, o poeta discorre sobre o ato de sentir sendo mais essencial que o de pensar, uma vez que, se nos permitirmos apenas sentir, nos permitimos, além disso, viver, porque não paramos para pensar em quem amamos ou no que amamos, mas tão somente sentimos, tão somente amamos.

Canto V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?
 Sei lá o que penso do mundo!
 Se eu adocesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das cousas?
 Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
 Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma

E sobre a criação do Mundo?
 Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
 E não pensar. É correr as cortinas
 Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
 O único mistério é haver quem pense no mistério.
 Quem está ao sol e fecha os olhos,
 Começa a não saber o que é o sol
 E a pensar muitas cousas cheias de calor.
 Mas abre os olhos e vê o sol,
 E já não pode pensar em nada,
 Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
 De todos os filósofos e de todos os poetas.
 A luz do sol não sabe o que faz
 E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
 A de serem verdes e copadas e de terem ramos
 E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
 A nós, que não sabemos dar por elas.
 Mas que melhor metafísica que a delas,
 Que é a de não saber para que vivem
 Nem saber que o não sabem?

(...) (PESSOA, 2001, p. 206-207)

Caeiro abusa de todas as sensações que pode desfrutar com o olhar, é um sentido palpável; o poeta reconhece a metafísica, para, logo em seguida, negá-la, é sua antimetafísica explícita e a sabedoria que tenta constantemente buscar o novo sentido para a realidade que o olhar lhe permite, porque não há o uso da Razão naquilo que ele diz, apenas sensações; não há interpretação lógica das coisas, apenas a preocupação em contemplar; unicamente dizer tudo o que ver e sente, sem pensar para compreender.

Tavares (2003, p. 58) destaca: “O sentir é a única coisa própria que o indivíduo tem. E é intransferível. Por isso serem tão limitadas as tentativas que o pensamento faz de explicar o que apenas pode ser sentido.” E em Caeiro vemos, nitidamente, a compreensão desse sentir que ultrapassa o pensamento, pois é entendido como sendo sua realidade incondicional.

Quando o poeta proclama que “há metafísica bastante em não pensar em nada”, vemos a negação proposital e enfática do sentido das palavras, contrariando a própria metafísica, atacando-a. Caeiro tem o ideal de não pensar, é sua antifilosofia, de que não busquemos o sentido das coisas, pois elas não têm sentido, as coisas são como são, daí a objetividade máxima do poema, a negação do conhecimento elaborado sobre as coisas.

A poesia caeiriana é movida pelas sensações mais elementares do seu observador; o olhar do poeta nos dá a amplitude de seu sensacionismo, novas noções de espacialidade, em um exercício constante da percepção do olhar. A aparente fragilidade dos versos demonstra as sensações mais primitivas, uma vez que não são internas (de sentimentos), mas externas, um olhar impressionista que não se preocupa com modelos ideológicos, sociais ou mesmo religiosos. Deste modo, não reduz o mundo, a vida, em conceitos dogmáticos, por isso o olhar é tão fortemente explorado.

No poema a seguir, veremos como o olhar do poeta, mais uma vez, protagoniza a cena de sensações que ele nos descreve. E o pensar ganha outra conotação, posto que ele não pensa com raciocínio lógico, mas com os sentidos, demonstrando que não é um pensamento racional, e sim, sensorial.

Canto IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

Tavares (2003, p. 109) questiona: “Seria o olhar de Caeiro, tão transbordantemente apaixonado pela natureza, uma forma narcísica de se contemplar nas coisas, ele próprio pretendendo ser a extensão dessa natureza?”. E possivelmente o seja, alguém tão íntimo à Natureza que, seguramente, sente-se parte ou extensão dela. O poeta sintetiza o sensacionismo, a importância dos sentidos, que, para ele, é a única realidade que existe, sua realidade objetiva; e a profundidade do olhar caeiriano é refletida em suas sensações mais legítimas.

Já na primeira estrofe do poema vemos o uso da metáfora, de um ser que, de tão enraizado ao lugar onde vivia, se auto-intitula “guardador de rebanhos”, descrevendo ordenadamente cada sentido que utiliza para descrever suas sensações: “Penso com os

olhos e com os ouvidos / E com as mãos e os pés / E com o nariz e a boca”; assim, torna concretas as sensações, sendo sempre o olhar a sua primeira descoberta. Em todo o poema, vemos as nuances desse olhar perpassar os demais sentidos e o caráter pessoal impresso pelo poeta, estabelecendo a relação entre o pensar e o sentir, de forma simbólica, de que não necessariamente precisamos pensar com a consciência, mas negá-la para podermos enxergar além dela.

Caeiro, em sua simplicidade única, revela o ápice de sua felicidade e de certa melancolia por ser tão afortunado; no entanto, complementa dizendo “Sei a verdade e sou feliz”, ou seja, o poeta aproveita a plenitude da abundância em que vive e das sensações entrelaçadas que transcorrem pelos seus sentidos e, mais uma vez, se coloca como parte da Natureza; não usa o tempo como inimigo de sua existência, e sim o oposto, uma vez que se a realidade é imutável, ele não precisa se preocupar com o sentido delas, sempre legitimando seu olhar de descobrimento, de investigação, de não se contentar, mas de continuamente se deslumbrar.

Considerações finais

O presente trabalho buscou refletir sobre e analisar o olhar que o heterônimo pessoano Alberto Caeiro imprimiu em sua obra, resultando na sua veemente negação do pensamento. O poeta das *verdadeiras* sensações, que nos instiga a não pensar, ironicamente, é o mesmo que faz com que reflitamos sobre a nossa própria existência e o olhar que debruçamos sobre ela e sobre o mundo.

Mesmo tendo sido dos heterônimos menos aquinhoado de conhecimentos escolares sistematizados, Caeiro nasceu “mestre” porque o é, de fato; o apreço que tem pela vida, e seu olhar, aparentemente ingênuo, sobre ela, mostra a extensão da sua capacidade de se moldar ao âmbito em que vive e de ver além das aparências.

A natureza simples das coisas que enxergava é o que o poeta quer que vejamos ainda, com um olhar que fala mais que qualquer palavra e que assume para o mundo que acha natural o não pensar; foi um poeta que se subordinou à Natureza, como um ser que se curva diante de sua plenitude, mas, ao mesmo tempo, lhe era íntimo, por isso, parte dela.

Assim, o “guardador de rebanhos” demonstra que olhar as entrelinhas, ou o que realmente importa, não é desprender-se da realidade, como em um ato distraído e

alienado diante da vida, de quem não precisa pensar, porque isso lhe causa dor ou porque é realmente dispensável. Não é isso que Caeiro diz, mas que, se começarmos a olhar, interna e externamente, para o que nos rodeia, iremos perceber que não apenas nosso olhar é repleto de sensações, mas também nossos pensamentos, um pensar que não segue a lógica racional das coisas e que se abre diante das cores do mundo, na “clara simplicidade de alma” (PESSOA, 2005, p. 54)

Deleitemo-nos com as múltiplas faces de Fernando Pessoa, mas busquemos enxergar o mundo sob a visão de Caeiro, um simples “guardador de rebanhos” que cantou em seus versos que “Pensar incomoda como andar à chuva”. (*op. cit.*, p. 16).

ABSTRACT

Alberto Caeiro, considered the most important of Fernando Pessoa heteronyms, has his work marked by disturbing questions about life, death and about himself. The poet "antimetaphysical" portrays in a simple work, but not simple-minded, *O Guardador de Rebanhos*, that thinking is not something essential, quite the contrary; his insistence on denying the thought reveals much more than his feelings, because he denies the pre-established philosophical concepts and recreates the world through their feelings; the feeling expressed by the senses – especially the look – rather than the feelings, does the nature of the poet delve into new prospects, seeing always new possibilities, enjoying life fully, without pragmatism, because, for Caeiro, the essential is not invisible to the eyes. To write this work, it used the technical support of Moises (2008), Tavares (2003) and Cavalcanti Filho (2011).

Keywords: Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. Sensationism. Look.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. **Fernando Pessoa**: uma quase autobiografia. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **Fernando Pessoa**: o espelho e a esfinge. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1998.

PESSOA, Fernando **Obra poética**. Org., Intr. E Notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

_____. **Obras em prosa**. Org., Introd. e Notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

_____. Poesia completa de Alberto Caeiro. Edição Fernando Cabral Martins, Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TAVARES, Edson. **“Nítido como um girassol”**: As metamorfoses do olhar em Alberto Caeiro. João Pessoa - PB: Ideia, 2003.